

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL E GÉMEOS.

CORREIA, A. A. Mendes

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

CORREIA, A. A. Mendes, Identificação individual e gémeos. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 285-306.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Identificação individual e gémeos (*)

PELO DR. A. A. MENDES CORRÊA

Professor de Antropologia na Universidade do Porto,
Director da Escola Superior Colonial, de Lisboa.

I

Interrompendo, durante algumas palestras, as considerações que vínhamos fazendo sobre factos e aspectos do meio natural em que se desenrola a existência humana, e reservando para mais tarde o reatamento das considerações que há algumas semanas iniciámos sobre as massas humanas, os homens em grupo, a demografia, detenhamo-nos agora um pouco no estudo do homem como indivíduo, do homem nas suas características individuais, do indivíduo distinto dos outros homens, portador de marcas próprias que permitem reconhecê-lo no meio de multidões de seres da mesma espécie, com os quais aliás ele tem, por isto mesmo, um grande número de caracteres comuns. Por hoje falaremos apenas em caracteres físicos, numa sinalética somática, reservando para outro ensejo a individualização psíquica, os meios de definição do indivíduo nos pontos de vista psicológico e moral, ou seja, os meios de definição da personalidade individual.

Na escala zoológica a comunicação, as relações, de cada ser com os outros e com o meio que o rodeia, variam consideravelmente de grau e de natureza segundo as espécies. Os corpos dos animais encontram-se, porém, mais ou menos nitidamente delimitados em relação ao meio exterior, sendo muito

(*) Palestras na Emissora Nacional, respectivamente em 9, 16, 23 e 30 de Julho de 1951, na série «A Ciência ao serviço da Humanidade».

variáveis, entretanto, os graus e modos de interdependência e ajustamento relativamente às condições do referido meio. Nos animais superiores o dito ajustamento é assegurado por órgãos especiais, por sistemas de vida de relação, que são distintos das partes do corpo mais isoladas e autónomas relativamente ao mundo exterior.

Assim, pelo que respeita ao homem, podemos, na expressão de Le Dantec, considerá-lo metido «no seu saco de coiro», referência ao invólucro cutâneo, à pele, mas reconhecendo que nesta se abrem janelas de vária ordem para o meio externo. Se a individualidade, salvo pelo que se refere às células reprodutoras, permanece invariavelmente, através da existência, ligada, nos animais superiores, a uma certa integridade do conjunto guardado naquele saco, não devemos esquecer que nalgumas formas animais menos elevadas novos indivíduos podem surgir de fragmentos amputados de outros indivíduos. É o caso das estrelas do mar, nas quais um braço cortado a um indivíduo e lançado ao mar reconstitue outro indivíduo.

Mas nos animais superiores, incluindo o homem, não há igual possibilidade, nunca podendo um braço ou uma perna dar origem a um novo ser da respectiva espécie, excluindo naturalmente o caso bíblico da formação de Eva a partir duma costela de Adão, caso, sem dúvida, de puro simbolismo religioso, muito respeitável decerto, mas especialmente grato à vaidade masculina, dado que todos os pecados de Eva ou das inúmeras Evas deste mundo, nunca deixarão de fazer delas, para nós, homens, a mais encantadora e adorável das criaturas existentes à face da Terra. Como a prosápia masculina se orgulha de que ela ou elas sejam afinal parte do nosso ser!

Mas continuemos. Uma verdadeira lotaria germinal de combinações variadíssimas de pecúlios hereditários, um de origem paterna, outro de origem materna, faz de cada ser humano o portador dum conjunto de caracteres que o diferenciam dos outros seres da mesma espécie, apenas se exceptuando os gémeos muito parecidos, os gémeos uni-vitelinos, que, resultando dum mesmo ovo, possuem um património

germinal igual ao do seu irmão gêmeo. A matemática, o cálculo das probabilidades, podem dar ideia, para uma série considerável de caracteres resultantes de especiais factores germinais, podem dar ideia — repito — do número verdadeiramente astronómico de combinações diferentes desses factores ou dos caracteres resultantes. Ora cada indivíduo corresponde a uma combinação, a um conjunto especial, em que há caracteres, ora da linha paterna ora da linha materna, associados numa verdadeira fórmula extremamente complexa.

Limitando-nos por agora aos caracteres morfológicos externos do corpo humano e deixando para outro ensejo a análise do valor diferencial dos caracteres morfológicos internos e dos funcionais, lembremos que a caracterização individual não é preocupação recente dos observadores, mas vem da antiguidade mais remota. A verdade é que, chegando a um país exótico, os naturais respectivos nos aparecem, ao primeiro relance, como iguais ou quase iguais uns aos outros. Mas o convívio, a observação mais detida, levam depressa ao reconhecimento da multiplicidade dos aspectos individuais, da desigualdade física dos homens.

Nas relações sociais, a identidade individual é necessária. A preocupação individualizadora existe nos próprios artistas desde que surgiu o retrato. Se os vestuários e ornatos são temas da representação, os aspectos corporais, especialmente os da cabeça e, sobretudo, do rosto, são objectos da atenção do artista fiel, particularmente se, em vez de representar um homem *qualquer*, ele deseja representar *determinado* homem. Deixando agora de parte qualquer referência aos estilos desta representação, ao valor expressivo e dinâmico de alguns retratos, ao papel do cinema neste último aspecto, etc., não me esquivarei a dizer-lhes que as interpretações étnicas do retrato são tão diversas que, por exemplo, os indígenas australianos confundem um retrato europeu com um barco ou com um cangurú, sendo certo que os Australianos do *tótem* cangurú se consideram a eles próprios, indiferentemente, homens... e cangurús. Todos têm notado a dificuldade que para mui-

tas crianças e gente rústica há frequentemente na interpretação do mais claro dos desenhos, da mais nítida das fotografias.

Acrescentarei que, segundo uma lenda da antiguidade, se deve ao amor a invenção da «arte divina do retrato». O primeiro retrato, segundo tal lenda, teria consistido na silhueta dum noivo, decalcada pela mulher amante, sobre a sombra que o perfil daquele fazia na parede, no momento em que ele se despedia para uma longa ausência. Isto é lenda... porque a verdade é que as figurações humanas existem, desde eras remotas, na arte pré-histórica, embora sem a fidelidade de traços das representações posteriores ou da fotografia, sendo difícil ligar à maior parte daquelas figurações a ideia dum rigor, mesmo aproximativo, dos traços individuais.

Inegavelmente, a par com os artistas, é o filósofo Laváter, suiço, quem, nos fins do século XVIII se dedicou mais intensamente ao estudo das relações da fisionomia com a psicologia individual. O seu tratado, que teve grande notoriedade, sobre o assunto é de dez compactos volumes, profusamente ilustrados, mais cheios de puerilidades e de divagações fantasiosas. Pretendia, por exemplo, haver estreitas afinidades de alguns traços fisionómicos humanos, com os de animais, afirmando ingenuamente que esses traços revelavam na psicologia dos seus portadores humanos qualidades comuns às desses animais. Já algures fiz um exame crítico sumário dos quadros de mau gosto em que, num evolucionismo *avant la lettre*, Laváter pretendia mostrar os sucessivos graus de transição duma cabeça de rã, por exemplo, até uma cabeça humana. A fantasia toma ali proporções de disparate. Mas um dia falaremos dos modernos estudos de psico-somática.

Mais interessante, mais científico e menos pretencioso do que Laváter foi, no seu labor, Alphonse Bertillon, médico francês, no último quartel do século XIX e no princípio do século XX.

Num objectivo principal de identificação individual para fins policiais e judiciários, Bertillon criou um método antropométrico para adultos de mais de 22 anos, para indivíduos que tivessem já termi-

nado o seu crescimento, método que ficou conhecido pelo nome do seu autor — bertilhonagem — ou pela designação de «retrato falado». Apoiava-se este retrato em várias medidas da cabeça, do tronco e dos membros, consideradas exactas, e em pormenores descritivos do nariz, da orelha, da boca, do rosto, etc., sinais especiais, e cores dos olhos e dos cabelos.

Apesar de tudo, este mesmo método sofreu críticas. O crescimento não termina, para muitos indivíduos, aos 22 anos. A exactidão das medidas obtidas não é absoluta. Escapam à bertilhonagem os menores, entre os quais há, infelizmente, tantos delinquentes. No entanto, a metodologia sugerida era superior, incomparavelmente superior, à sinalética que eu ainda tive ocasião de ver usada nos passaportes e nas fichas policiais e judiciárias no nosso país: Nariz — regular; boca — regular; rosto — oval; sinais particulares — nenhum. Isto era irrisório. Sem a fotografia não seria possível, com tais elementos, qualquer identificação.

Depressa, porém, a bertilhonagem cedeu o lugar, a um processo mais rigoroso de identificação individual: o das impressões digitais, a dactiloscopia, de resultados incomparavelmente mais seguros.

Na próxima palestra falaremos deste método, perfeitamente satisfatório para o estabelecimento da identidade, objectivo que as Babilónias actuais de milhões de habitantes, os chamados «países novos» e a intensidade dos movimentos migratórios e da vida cosmopolita do nosso tempo, tornam tão momentoso e importante.

II

A preocupação da identificação individual, a que começámos a referir-nos na palestra anterior, não é nova no mundo. Até lindos romances falavam de recém-nascidos cuja identidade se procurava ocultar, mantendo-se, porém, graças a certos sinais ou a determinadas marcas, a possibilidade de um futuro reconhecimento. Se princesas viveram em lares humildes nesse *incógnito*, mais ou menos transitório — segundo

tais histórias —, também a realidade implicava frequentemente, em tempos não longínquos, a possibilidade desse reconhecimento futuro no caso de expostos.

Mas, em geral, outrora, como ainda um pouco nalguns meios sertanejos actuais, todos se reconheciam uns aos outros, todos os vizinhos se conheciam, como ainda hoje nalgumas aldeias todos se conhecem reciprocamente. As exigências e a complexação das sociedades modernas tornaram, porém, mais difícil esse reconhecimento e impuzeram a necessidade da adopção de processos de identificação, mais seguros mesmo do que a própria fotografia, do que as descrições tradicionais, processos independentes de disfarces, de simulações, de mutilações, de diferenças de idade, etc., emfim processos duma objectividade científica irrefutável e rigorosa. Lembremo-nos de que, nos meios urbanos e cosmopolitas e por virtude da facilidade actual dos deslocamentos humanos a distância, se tornou indispensável assegurar a verificação da real identidade de muita gente que, por morte ou doença, a não pode declarar ou que, por motivos geralmente ilegítimos, não deseja ser reconhecida ou deseja aparentar uma identidade que não é a sua. Assim a identificação individual revestiu no mundo moderno uma importância considerável nos pontos de vista moral, jurídico e social.

Já dissemos na palestra precedente que nos meios judiciários e policiais, numa reacção contra a insuficiência das fotografias e das tradicionais descrições sinaléticas, se começou a usar no fim do século XIX um processo antropométrico e descritivo, que, do nome do seu autor, Bertillon, tirou a designação pela qual se tornou conhecido: bertilhonagem.

Porque tal processo ainda era impreciso e, especialmente, porque não era utilizável para indivíduos que ainda não tivessem terminado o seu crescimento, a breve trecho a bertilhonagem foi abandonada ou relegada a um plano secundário, surgindo em sua substituição um método hoje generalizado, a dactiloscopia, fundada nos caracteres dos desenhos das polpas dos dedos.

Estes desenhos são devidos a cristas da pele, cristas papilares, separadas por sulcos, e cuja dis-

posição linear, susceptível de se enquadrar num certo número de tipos, afecta, no entanto, tamanha variedade de combinações que o cálculo das probabilidades permite proclamar que não há praticamente dois indivíduos com impressões digitais iguais. Digo impressões porque, colocando as polpas dos dedos sobre uma placa polida untada com uma tinta oleosa (como a de imprensa) e fazendo rolar uma só vez cada uma das polpas num papel branco, se obtêm as impressões ou a estampagem das figuras papilares digitais, impressões também chamadas dactilogramas. Comparando uns com os outros os desenhos assim obtidos, verificou-se que cada indivíduo tinha o seu dactilograma próprio e que este é invariável através da existência, salvo quanto à possibilidade de lesões ou até destruições por causas traumáticas ou patológicas. Mas as próprias cicatrizes, as mais minúsculas, se tornam novos elementos de identificação.

Houve nalguns meios certa relutância em aceitar o valor decisivo da dactiloscopia no objectivo indicado. Ainda sou do tempo em que alguns tribunais hesitavam em julgar sobre essa base exclusiva. Devo dizer que a Polícia científica reconheceu, porém, de pronto a importância do método em questão. Como os autores de alguns crimes podem deixar em superfícies polidas as suas impressões digitais, tornadas depois bem visíveis por um simples avivamento, com algumas substâncias em pó, das marcas do cebo das cristas papilares nas ditas superfícies, passou a recomendar-se o maior cuidado em não tocar nos objectos do local do crime, após a verificação deste, salvo quanto a imperativas providencias determinadas pelas circunstâncias no socorro a vítimas ou na captura ou inutilização dos autores do delicto. É que tais elementos devem preservar-se o melhor possível até à chegada dos técnicos, tão decisivos podem vir a ser nas investigações policiais e judiciárias.

Hoje ninguém no fóro e na ciência duvida já do interesse capital de tais elementos. Poderia contar uma infinidade de casos demonstrativos do alto valor destes. Prefiro, porém, deter-me um pouco na indicação dos tipos clássicos de impressões digitais, esta-

belecidos por Galton, e, com mais ou menos variantes ou subdivisões, adoptados hoje mundialmente.

São esses tipos, segundo a disposição das linhas papilares, o arco (em que as linhas passam dum lado para o outro do dedo sem se reflectirem), a presilha interna e a externa (em que entre feixes de linhas que passam ininterruptamente dum lado para o outro, algumas se reflectem voltando para trás e originando assim as duas figuras consoante a reflexão se faz para um lado ou outro da mão), enfim o turbilhão ou verticilo (em que a reflexão é dupla, formando as linhas que não atravessam dum lado para o outro circuitos fechados, concêntricos — é como que uma dupla presilha). Ora a cada um destes tipos corresponde uma letra (para o polegar) e um número (para os outros dedos), sendo o arco representado por A ou 1, a presilha interna por I ou 2, a externa por E ou 3 e o turbilhão por T ou 4. As impressões de cada indivíduo são assim representadas por símbolos, dispostos os da mão direita em numerador e os da esquerda em denominador a principiar pelos polegares, constituindo-se uma *fórmula dactiloscópica*. Um indivíduo que tivesse nos dedos das mãos apenas arcos possuiria por fórmula dactiloscópica: $\frac{A-1111}{A-1111}$. Compreende-se agora como por este processo as fichas dactiloscópicas individuais podem ser classificadas em arquivos de modo que perante alguém, um reincidente por exemplo, cuja verdadeira identidade se desconhece, se verifica imediatamente, colhidas as impressões digitais, se a sua ficha existe já no arquivo. Para o efeito destas averiguações os arquivos colaboram uns com os outros. Não escapa facilmente o simulador de identidade que tiver algum dia deixado as suas impressões num arquivo... Não é apenas para investigações policiais ou judiciárias que interessa a dactiloscopia. Uma só impressão digital figura nos bilhetes de identidade, na autenticação de assinaturas em actos notariais, etc.

Não basta a fórmula dactiloscópica para a identificação individual: mas uma só impressão digital pode ser concludente na determinação desta. É que

a fórmula apenas entra em conta *com os tipos dactiloscópicos*, e há muitas pessoas com a mesma fórmula, que serve assim apenas para classificação. Mas a análise minuciosa duma impressão digital, linha por linha, inclusivé com a contagem dos poros glandulares visíveis à ampliação nas cristas papilares, fornece uma quantidade considerável de elementos objectivos rigorosos, que autorizam uma identificação. Naturalmente esta é tanto mais segura, num confronto entre duas impressões que se suspeita serem do mesmo indivíduo, quanto maior é o número de coincidências nesses elementos.

Crê-se que a maior colecção de fichas dactiloscópicas existente no mundo é a do Serviço Federal de Investigação de Washington, que conta as impressões digitais de 118 milhões de indivíduos. Funciona há 27 anos. O director, sr. Edgar Hoover declarou recentemente que o número de não criminosos excede o dos criminosos naquela série de indivíduos, acrescentando que, embora a luta contra o crime seja ainda a finalidade mais importante daquele departamento, têm sido prestados por este consideráveis serviços em investigações de outra ordem. Ainda últimamente tinha sido identificado pelas impressões digitais um doente desconhecido, combatente na Coreia, recolhido num hospital em Tóquio.

Está ainda na memória de alguns dos meus ouvintes o caso Bruneri-Canella, ocorrido em Itália e do qual me ocupei num livro, visto ter estado com o protagonista e algumas pessoas da família Canella no Rio de Janeiro em 1934. Esse caso apaixonou a opinião mundial, e os tribunais italianos decidiram em última instância baseados no parecer de técnicos da dactiloscopia. Um enfermo dum manicómio (o manicómio de Collegno), amnésico e surdo, que fora preso pela polícia por andar tresloucado a tirar vasos de flores num cemitério em Turim, foi simultâneamente disputado por duas famílias: a de Júlio Canella, professor de Humanidades, que desaparecera na Guerra de 14 e cuja mulher dizia reconhecê-lo no desmemoriado, e a dum delinquente, antigo tipógrafo, Mário Bruneri, sobre quem impen- dia uma condenação por simulação de identidade, e

o qual era, a seu turno, reconhecido pela mulher legítima que abandonara, e pela creatura com quem vivia na época da prisão no cemitério. A família Canella, hoje no Brasil, lutou quanto pôde contra a decisão final da justiça italiana que, após muitos pareceres contraditórios de alienistas e de outros técnicos, identificou com o Bruneri o desmemoriado de Collegno e obrigou este a passar um ano a cumprir a pena daquele na cadeia... Pois a sentença baseou-se no confronto feito por peritos entre impressões digitais de Bruneri e as do internado do manicomio. É certo que a nitidez das impressões de Bruneri foi posta em dúvida, o caso apaixonou cientistas e o grande público. Por mim cingi-me a uma opinião que expuz no livro referido e que era condicional. Canella tivera dois filhos do seu casamento com a prima, antes do seu desaparecimento no campo de batalha. Depois da prisão em Itália, o desmemoriado de Collegno viera com a família Canella para o Brasil e dois outros filhos nasceram, que eu conheci no Rio como ao desmemoriado e ao sogro do desaparecido Júlio Canella. Se existissem deste num arquivo de identificação as impressões digitais colhidas antes de 1914, teria decerto sido impossível tão longa controvérsia e sobretudo tais dramas familiares, que Afrânio Peixoto, o saudoso amigo, dizia comparáveis às tragédias da antiguidade e aos dramas de Shakespeare. É certo que existiam impressões de Bruneri, mas apenas eram utilizáveis em parte e, se o seu confronto com as do desmemoriado acabou por convencer os técnicos e os juizes, subsistiu sempre uma dúvida nalgumas pessoas, mesmo em especialistas.

Na mesma ocasião em que estive em contacto com o desmemoriado de Collegno e seus filhos, realizava-se no Rio um Congresso de Identificação a que assisti e no qual o colega Leonídio Ribeiro pôs em evidência o papel da lepra na alteração dos desenhos digitais. Para evitar um erro de interpretação do público sobre o que essa verificação significava quanto à perenidade das impressões digitais através da existência individual, salientei logo que não se tratava de factos de significação diversa da

de uma lesão ou de uma destruição. O princípio permanecia imutável, a meu ver. Ainda há dias vi as impressões digitais que a mim próprio tirei no meu Instituto há quase 40 anos. Pois são absolutamente iguais às actuais. O colega portuense Luís de Pina teve com Leonídio Ribeiro uma controvérsia tendente a manter a integridade do princípio, e a verdade é que, sem recusar interesse ao próprio valor das alterações patológicas das impressões digitais como sinais precoces do mal, o princípio subsiste.

Não são apenas as impressões digitais que interessam à identificação e mesmo à ciência em geral. As cristas papilares das palmas das mãos e das plantas dos pés deixam impressões que têm sido também estudadas cientificamente. Da palma da mão todos sabem que já há muito se ocupavam, fora do campo científico, os quiromantes e as leitoras da *buena dicha*: é tema que ficará para outra palestra. Por agora direi apenas sobre o estudo das impressões plantares e palmares, que Luís de Pina achou preferível ao termo dactiloscopia, para englobar todas estas matérias, a palavra *dermopapiloscopia*, que já está consagrada pelos nossos dicionaristas.

E finaliso por hoje contando o caso do carcereiro duma comarca sertaneja que, mandado colher as impressões digitais dos presos a seu cargo (como se a tarefa não tivesse exigências técnicas...), simplificava essa tarefa, pondo na ficha de cada preso as impressões digitais dele próprio, carcereiro. Dava-se assim na aparência o facto inédito de toda uma população prisional ter impressões digitais iguais, contra a disparidade que o cálculo permite prever como a lei natural entre os homens, entre os biliões de seres humanos. Perdoem-me fechar a exposição de assunto tão sério com esta anedota, que tem entretanto, além da virtude da autenticidade (que me foi assegurada por um Mestre já falecido), a de castigar a leviandade com que por vezes se deturpam na execução as instruções referentes a matérias das quais podem depender o destino, a vida, a honra dum homem, ou mesmo o destino, a vida, a honra de muita gente, de famílias inteiras.

III

Falámos, na última palestra, da identificação individual baseada na dactiloscopia, nas impressões digitais. Dissemos da segurança que a aplicação rigorosamente científica de tal método proporciona aos seus resultados. Mas não excluímos outros processos de identificação individual, quer física, quer psíquica, uns de grande objectividade e rigor, outros na verdade precários e falíveis...

Claro está que o simples uso dum nome não basta para uma identificação, embora seja o mais correntemente usado. Mas há indivíduos com os mesmos nomes, e há, da parte dos que querem falsear a sua identidade, o emprego abusivo de nomes diversos do próprio. O antroponomástico, o estudo dos nomes, variável de povo para povo, havendo até povos exóticos em que os indivíduos têm nomes diversos segundo as fases da vida e até possuem nomes secretos, que lembram o sistema maçónico... Trataremos disso um dia.

Por hoje, tendo falado em fórmulas dactiloscópicas que permitem a classificação das fichas de impressões digitais em vários grupos (facilitando nos arquivos a descoberta da identidade dum desconhecido), direi que são possíveis outras fórmulas individuais, de bases diversas. Os antropólogos e os chamados biotipologistas estabeleceram fórmulas antropométricas e biotipológicas individuais. O sistema é de fácil compreensão. Pretendendo, por exemplo, classificar os indivíduos pelo desenvolvimento maior ou menor da cabeça, do torax, do abdómen e dos membros e representando o desenvolvimento máximo por 3, o médio por 2 e o menor por 1, obteremos para cada indivíduo uma fórmula em que dando a cada sector corporal mencionado, pela ordem da enumeração feita, o algarismo correspondente a esta escala segundo o desenvolvimento respectivo, obtemos um número para cada indivíduo, que, no caso de todos aqueles sectores serem por exemplo muito desenvolvidos, seria 3333. São deste tipo as fórmulas biotipológicas e antropométricas de

Viola e de Frassetto, sendo, porém, nalguns casos os algarismos substituídos por letras e aumentados em quantidade os graus das escalas adoptadas. Não entro em pormenores, que não teriam utilidade para o grande público: apenas quero dar a ideia de tais processos, da existência de tais fórmulas.

Concebe-se facilmente que o quimismo individual faculte também elementos de identificação e classificação, naturalmente os que sejam de maior estabilidade. Estão neste número as reacções de sangue que permitem admitir variados grupos hemáticos na espécie humana. Verificou-se que estes grupos são estáveis durante a existência individual e que obedecem rigorosamente às regras da hereditariedade. Falaremos um dia destas matérias. Mas, dada a multiplicidade infinitesimal de combinações e até de estereoisómeros dos constituintes do corpo humano, não será difícil um dia encontrar, por entre as variações cotidianas do quimismo de cada indivíduo, constantes químicas individuais, que acompanham cada ser do nascimento à morte e sirvam como que à definição da sua personalidade químico-humoral, com tanto valor para a identificação como os aspectos morfológicos ou anatómicos utilizados nesse objectivo.

Não nos ocuparemos agora também duma individualização psíquica aliás admissível. Basta dizer que, por processos de notação análogos aos descritos para as fórmulas antropométricas, biotipológicas e dactiloscópicas, se imaginaram já fórmulas ou perfis gráficos individuais baseados nos graus diversos de vários elementos psicológicos. São os *psicogramas* de tipos vários, sugeridos por Rossolimo, Niceforo, e até em Portugal, para os delinquentes, por Luís de Pina e pelo autor destas palestras. No entanto não se tem tratado dum objectivo de identificação, mas duma classificação psicológica indicadora dum regime pedagógico ou duma terapêutica psiquiátrica ou anticriminal.

Há, porém, um capítulo da psico-fisiologia, o da linguagem, que está suscitando estudos especiais no propósito duma diferenciação precisa dos indivíduos. Para a escrita, há toda uma ciência que não é a velha grafologia fantasiosa e por vezes de puro

charlatanismo, mas um estudo metódico, lógico, coerente e objectivo, que faculta por exemplo aos exames periciais em casos médico-legais e judiciários bases sérias e concludentes. A grafologia científica não se propõe definir as características psicológicas de quem escreve, embora não exclua o estudo de possíveis correlações entre essas características e a grafia; muito menos aspira a prever o futuro, salvo em casos restritos nos quais é possível reconhecer através de particularidades gráficas estados patológicos de prognóstico fácil, de evolução e consequências previsíveis. Estão nessas condições a escrita tremida e os lapsos de letras e palavras dos paralíticos gerais. Mas é sobretudo precioso o concurso que essa ordem de estudos fornece para identificação do autor dum escrito, para um caso de falsificação, para a determinação da autoria duma carta anónima, por exemplo.

Pois também o estudo da linguagem falada está facultando elementos importantes para a identificação individual. Não se trata apenas de registar certas expressões preferidas, certas maneiras peculiares de dizer, o modo de falar determinada língua, a simples determinação ao ouvido de um timbre de voz, que nos permite frequentemente reconhecer, sem a vermos, esta ou aquela pessoa. A verdade é que estes reconhecimentos não raro resultam inexactos, porque há pessoas com timbres de voz semelhantes ao nosso ouvido. É um facto do conhecimento corrente.

No entanto, a substituição do ouvido pela análise de registos gráficos conduziu a resultados do maior interesse científico. A Fonética é inegavelmente um ramo de estudos do maior valor, mas a Fonética experimental, especialmente a possibilidade de registar e de reproduzir em aparelhos especiais a linguagem falada, tornou possíveis análises e observações de que até há poucos anos nem sequer se suspeitava. O progresso desta ordem de estudos tem sido notável e, a propósito, não quero deixar de consignar aqui o júbilo, que, como amigo e português, senti, ao verificar numa das sessões do recente Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros de Washington o alto apreço manifestado por destacados especialis-

tas norte-americanas em relação aos trabalhos do Dr. Armando de Lacerda no Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra. Não esqueço que para esse laboratório cedeu a Universidade do Porto alguma aparelhagem da extinta Faculdade de Letras portuense. Armando de Lacerda teve em Washington uma verdadeira consagração que muito me alegrou, como a todos os Portugueses que a ela assistiram.

Voltando ao assunto de que falávamos. Quem, visitando uma estação de rádio-difusão, e tendo assistido por exemplo à gravação duma palestra, não achou tão curiosa a reprodução integral, perfeita, desta como a incompreensível algarviada que se obtem fazendo correr a fita da gravação em sentido contrário? O que não pode uma análise fonética feita com método científico extrair duma dessas fitas no sentido da decomposição da linguagem e simultaneamente da integração dos seus elementos no todo? Não é preciso ter entrado num laboratório de fonética experimental, não é preciso ter estudado uma linha destas matérias para acreditar *a priori* no mundo de resultados interessantes que tais estudos facultarão.

Mas eles darão também as constantes individuais do falar, os fonogramas individuais, com as suas características próprias, inconfundíveis. É ilusão supormos que todos falamos o mesmo português, que todos falamos do mesmo modo a nossa língua materna. Independentemente das variedades dialectais, das gírias, das diferenças devidas à idade, ao sexo, à instrução, ao meio social, etc., há diferenças individuais que escapam ao ouvido, na rapidez da sucção dos sons emitidos, mas que os aparelhos acusam.

Recebi num dos últimos dias, precisamente, um trabalho do eminente Presidente da Academia Pontificia de Ciências, o P.^e Agostinho Gemelli, que se ocupa da estruturação psicológica da linguagem estudada mediante a análise electro-acústica. Já de há mais dum decénio datam os primeiros estudos de Gemelli e dos seus colaboradores no notável centro de psicologia experimental que é o seu laboratório na Universidade Católica do Sacro-Cuore em Milão.

Gemelli dá-nos gráficos e tabelas em que é possível ajuizar das diferenças de indivíduo para indivíduo: na altura tonal e suas variações, na rapidez da fonação, nas variações de intensidade, na expressão significativa, na estruturação e na duração dos intervalos entre as palavras ou entre as frases. Oscilogramas de determinadas palavras, espectrogramas de vogais nalgumas palavras, diagramas estatísticos, etc., fornecem as conclusões mais interessantes e inesperadas. O ilustre académico pontifício, que em Portugal deixou, numa visita aqui feita há anos, tão viva impressão da sua alta personalidade, ao mesmo tempo que afirma o carácter global — «de totalidade» — da linguagem, proclama os «individualismos» da mesma: ao mesmo tempo que a palavra assume um carácter individual, variável de momento para momento e obedecendo às circunstâncias externas ou internas em que é pronunciada, também, no polo oposto, sofre uma certa mecanização. Que mundo de matérias a explorar...

Claro está que destes variados domínios são de esperar os mais diversos contributos para uma definição cada vez mais rigorosa e ampla da personalidade individual. Contentemo-nos em ter dado — por ser mais prático, concludente e objectivo — maior desenvolvimento e actualidade ao método dactiloscópico, para a identificação do indivíduo. Nem os nomes, nem os chamados sinais particulares, nem uma medalhina identificadora ao pescoço, nem a placa numa pulseira para identificação de soldados caídos no campo de batalha, têm nesse propósito o valor, o rigor, da dactiloscopia.

Estou a adivinhar nalguns dos meus ouvintes uma pergunta: mas não há dois homens perfeitamente iguais? Na verdade todos têm ouvido falar de *sósias* e são correntes os casos em que se nos torna praticamente impossível distinguir à simples vista alguns irmãos gémeos. Num e noutros casos, diga-se, desde já, só numa observação superficial e de conjunto escapam pormenores distintivos. A igualdade nunca é total, completa, embora nos gémeos mais parecidos as diversidades incidam apenas nalguns aspectos e se vão acentuando no decurso da existência por virtude de influências do meio, de

circunstâncias especiais da vida de cada um dos gêmeos. Pois estes gêmeos, como veremos na próxima palestra, resultaram de dois lotes germinais ou hereditários iguais.

Os sócias têm as mais das vezes semelhanças muito parcelares ou até episódicas. Nos homens, por exemplo, um talhe especial da barba, a combinação de alguns traços fisionômicos semelhantes com algumas afinidades de atitude ou de vestuário: a aparência deve-se então mais ao barbeiro ou ao alfaiate do que a um processo biológico.

Creio que todos os que me escutam sabem a origem da palavra *sósia*: tratava-se do nome duma personagem duma comédia de Molière, um criado de Anfitrião, que Mercúrio copiara no seu aspecto corporal quando Júpiter, fingindo ser Anfitrião, se introduziu no lar deste para requestar, na ausência do mesmo, a respectiva esposa Alcmena. O episódio mitológico já fôra tratado numa peça de Plauto. Refere-se como de grande comicidade, nesta aventura libertina, o encontro de Mercúrio, o falso sósia, com o verdadeiro criado de Anfitrião.

Os sócias são frequentes na vida corrente e tem sido atribuído à sua existência um papel em certos acontecimentos históricos. Quantos factos cómicos ou desagradáveis essa existência motiva na vida comum! É não se têm imaginado sócias para substituírem nas suas funções personagens importantes? Decerto, a imaginação popular é fértil em presunções dessa ordem.

Os gêmeos constituirão tema da próxima palestra. Não concluirei, porém, a de hoje sem salientar que não deve haver estranheza na desigualdade dos indivíduos. Se até nos animais de simetria bilateral, como é o homem, a metade esquerda do corpo não é perfeitamente igual à direita! Pierre Abraham, num seu curioso livro sobre fisionomias, transformava o retrato de cada indivíduo (lembro-me de que fez isso ao de Lenine) em dois retratos, de modo que cada um deles reproduzisse rigorosamente dos dois lados, como vistos ao espelho, primeiro o lado esquerdo do corpo, depois o direito. Pois pareciam pessoas diferentes!

IV

No decurso das considerações que nas palestras anteriores fiz sobre a identificação individual referi-me às semelhanças mais ou menos impressionantes verificadas entre sózias e entre gémeos. Quanto aos primeiros, embora aceitando a realidade de algumas dessas semelhanças, não deixei de acentuar que muitas são de carácter meramente casual, fragmentário ou superficial, incidindo sobre um simples traço acentuado por atitudes ou até por vestuários, quando não por um penteado ou por um talhe de barba que não representa, como então disse, uma semelhança biológica efectiva mas um produto artificial do capricho do indivíduo, do cabeleireiro ou do barbeiro.

Com os gémeos — melhor dizendo, com alguns gémeos — o caso é diferente. Estamos em presença não só dum processo biológico, espontâneo, necessário da Natureza, mas também dum conjunto apreciável de caracteres ou factos morfológicos comuns. Os gémeos têm, pelas numerosas e fortes semelhanças que alguns apresentam entre si, suscitado desde longes eras a curiosidade de toda a gente. Não faltam mesmo os episódios pitorescos, os « qui-proquós » divertidos a que a confusão entre dois gémeos pode dar — e, muitas vezes, dá — origem na vida corrente. O tema entrou mesmo no domínio da anedota e da literatura. Contam-se casos de substituições entre gémeos, e é famosa a calinada dum indivíduo que, possuindo relações de muita intimidade com um amigo que tinha um irmão gémeo, e deparando com alguém que ele não sabia se era o amigo ou se este último, isto é, não sabendo de qual dos gémeos se tratava, exclamou: *O sr. é o sr. ou é o seu irmão?*

Mas, noutros casos, a confusão pode tomar aspectos de gravidade, mesmo de tragédia. Conhece-se o episódio histórico do *Máscara de Ferro*, que o vulgarmente pretendido fosse um irmão gémeo de Luís XIV, irmão encarcerado pelo monarca francês e sempre mantido com uma máscara, para impedir uma sua eventual competição nos direitos ao trono. Na *Cidade*

de Deus, Santo Agostinho, combatendo a pretensão dos astrólogos de ligarem o destino de cada mortal aos fenómenos celestes, às estrelas, às constelações, aos signos do Zodíaco, já utilizava como argumento contra tal pretensão absolutamente infundada a existência de gémeos que, tendo sido concebidos simultaneamente ou quase, não aparecem com as semelhanças doutros gémeos, quando lhes deveria caber o mesmo horoscópio celeste dada a sua concepção simultânea. Aludia Santo Agostinho mesmo à aparição de gémeos de sexo diferente, referindo o caso de uma religiosa e de um fidalgo que, sendo gémeos, tinham tido destinos muito diversos.

Santo Agostinho assinalara afinal implicitamente a existência de dois tipos de gémeos, uns muito parecidos entre si, outros tão parecidos uns com os outros como quaisquer outros irmãos o são. A Ciência moderna considera os primeiros, os muito parecidos, como tendo resultado do mesmo ovo: são os gémeos chamados uniovulares ou monovitelinos. Os que têm as semelhanças de quaisquer irmãos, são chamados biovulares ou bivitelinos, sendo considerados como resultantes de ovos diferentes. A semelhança dos primeiros explica-se pelo facto de, na divisão germinal, cada um receber um pecúlio genético perfeitamente igual ao outro, ao passo, que nos gémeos biovulares cada um recebe material distinto que o acaso das combinações germinais do pecúlio paterno e do pecúlio materno lhe proporciona. Têm assim, como todos os irmãos, muito de comum no seu património hereditário, mas nunca tanto de comum, mesmo de biologicamente igual, como o que cabe aos gémeos uniovulares.

A Ciência conhece hoje muito da intimidade dos processos intracelulares de que resulta o facto biológico da hereditariedade, isto é, da transmissão dos caracteres dos ascendentes aos descendentes, e, estabelecendo paralelismos, para vários caracteres corporais e psíquicos, entre as frequências das suas semelhanças em pares de gémeos univitelinos e pares de gémeos bivitelinos, considera-se autorizada a afirmar que os caracteres em que se manifestam mais frequentemente as semelhanças nos primeiros

do que nos segundos são os caracteres verdadeiramente hereditários, ao passo que os caracteres que diferem nuns como noutros são os não hereditários. Avalia-se do que com tal base progrediu o tão difícil conhecimento científico da hereditariedade no homem. As investigações sobre aqueles paralelismos abrangem uma quantidade enorme de caracteres normais e patológicos, caracteres físicos e psíquicos. Um grande heredologista alemão, que teve a honra de conhecer pessoalmente em 1931 no seu laboratório do Instituto Imperador Guilherme, de Antropologia e Genética, em Berlim-Dahlem, e é hoje director do Instituto de Genética Humana em Munster, Westfália, o Prof. von Verschuer, organizou uma resenha completa até 1931, das investigações mundiais sobre a matéria, extraindo dessa resenha os resultados mais interessantes.

O estudo dos gémeos permite dessa maneira ajuizar do carácter hereditário ou não hereditário de muitos factos morfológicos e funcionais, de muitas doenças, de muitas manifestações psicológicas, disposições, tendências, etc. Também causaram sensação as observações de Lange sobre a criminalidade nos gémeos, sendo curioso que ela se manifesta simultaneamente e por factos semelhantes com muito maior frequência nos gémeos uniovulares do que nos bivulares. A monografia de Lange concluía assim lamentavelmente pelo carácter de *fatalidade* hereditária que teriam as manifestações criminais. Por mim, admitindo uma predisposição hereditária comum mais frequente nos gémeos univitelinos do que nos bivitelinos, considero a criminalidade como um facto *psico-social*, decerto relacionado com processos biológicos como o da hereditariedade de certas tendências, impulsos, sugestibilidade, etc., mas essencialmente definido não pela biologia mas pela moral e pelo direito. Há perversos constitucionais, há delinquentes de tendência, há portadores de profundas taras psicomorais hereditárias, mas o célebre *criminoso nato* de Lombroso, a pretensa *constituição delinquencial* de Di Tullio, são fantasias que passaram à história... Seja como for, o estudo dos gémeos permitiu um grande passo no progresso dos conhecimentos

sobre a hereditariedade no homem. Deixando para outro ensejo considerações mais detidas sobre a hereditariedade, registemos agora apenas, além de alguns elementos estatísticos sobre a proporção dos partos gemelares nas tabelas dos nascimentos, mais alguns factos sobre os gémeos na etnografia e nas concepções populares.

Calcula-se, em face das estatísticas, a proporção dos partos múltiplos para os simples em 1 dos primeiros para cerca de 84 dos últimos. Em Portugal (continente e ilhas), em 1948 e 1949, houve respectivamente 2453 e 2307 nascimentos múltiplos para 225.929 e 216.625 simples. Nos dois anos apenas em 25 e 23 casos, respectivamente, o número de gémeos foi de 3 ou de mais de 3. Compreende-se como além de 2 se vão tornando pouco frequentes, mesmo raríssimos.

Entre os selvagens o nascimento de gémeos suscita ideias e atitudes muito diversas duns para outros povos. Para uns o facto é considerado funesto, para outros motivo de satisfação. Tanto entre os negros de África como entre os da Oceânia predominam os que estão entre os primeiros, suscitando práticas de magia e até nalguns casos o assassinato ou abandono de um dos gémeos. Num asilo infantil, num dos territórios portugueses do Ultramar, contaram-me as Irmãs que algumas crianças recolhidas eram gémeos abandonados no mato às feras e que piedosas buscas efectuadas por elas salvavam da morte pela fome ou pelo ataque daquelas. Consideram-se nalgumas populações como muito perigosas as infracções de regras variadas que são impostas não só aos gémeos como aos respectivos pais.

Há tribos em que a defesa contra esses supostos perigos para a comunidade se limita à atribuição de nomes especiais aos gémeos e a algumas práticas purificadoras a que se submetem os respectivos progenitores. Se não se procedesse de tal modo, é crença que os gémeos morreriam ou se dariam grandes desgraças.

Os psicanalistas pretendem que o culto dos gémeos nalguns povos é uma manifestação do culto do «eu» ou do narcisismo. Entre os antigos Egípcios

existia o culto do *ká* ou do duplo. Os negros africanos transportados para a América introduziram ali superstições ligadas aos gémeos, mesclando até estranhamente o culto católico de Cosme e Damião, no Rio e na Baía, segundo Artur Ramos, com os *Ibeji* dos Nagós pagãos. Em Itália e noutros países da Europa há superstições populares relativas aos gémeos. Um facto é certo: há maior frequência de partos gemelares numas famílias do que noutras.

Numa viagem marítima conheci um jovem engenheiro aviador que vinha para a Europa com sua esposa e sua sogra. Revelou-me que tinha um irmão gémeo, também engenheiro aviador, dotado das mais estreitas semelhanças físicas e morais com ele. Pediu-me noções científicas sobre o fenómeno dos gémeos no homem. Disse-lhe que havia gémeos uniovulares e gémeos bi ou multiovulares, referi-me às diferenças entre uns e outros. Pois ficou incomodadíssimo, dormiu mal, tendo-se convencido de que, ao contrário dos outros seres humanos, não gémeos univitelinos, ele, tão culto, tão inteligente, tão robusto, era afinal apenas metade dum homem. A minha explicação despertara nele um possível, embora injustificado, complexo de inferioridade.

Custou-me a tirar-lhe da cabeça ideia tão infeliz e inexacta. Conto este episódio para acentuar não apenas a transcendência científica destas matérias, mas a sua própria transcendência moral e filosófica.

Os valiosos esclarecimentos trazidos pelo estudo dos gémeos ao problema, socialmente tão importante, e até há pouco tão mal conhecido, da hereditariedade no homem, dão a esse estudo também uma alta transcendência social. Médicos, juristas e sociólogos obtiveram dele informes preciosos.